

O “Fragmento”: Primeira resposta de Fichte à “Carta” de Jacobi

The “Fragment”: Fichte’s First Answer to Jacobi’s “Letter”

Ives Radrizzani

Ives.Radrizzani@schelling.badw.de

(Ludwig-Maximilians-Universität München, Munique, Alemanha)

Resumo: Este artigo examina alguns aspectos da “querela sobre o ateísmo” entre F. H. Jacobi e Fichte. Em 1799, Jacobi redige a Carta a Fichte, na qual a doutrina da ciência é designada como niilista. Especial atenção será dada à resposta pouco conhecida e não publicada de Fichte *Rückerinnerungen, Antworten, Fragen* (Reminiscências, respostas, perguntas) e ao fragmento de uma carta que Fichte envia a Jacobi e Reinhold. Ali, Fichte ressalta a oposição entre sua filosofia e a de Jacobi, que equivale à oposição entre o ponto de vista da vida e da especulação. Embora ambos sejam contrários, podem coexistir com igual direito, desde que um não queira legislar sobre o outro.

Abstract: This article examines the aspects of the so-called “quarrel over atheism” between F. H. Jacobi and Fichte. In 1799 Jacobi writes the famous Letter to Fichte, in which the doctrine of science is designated as nihilistic. Special attention is paid to Fichte’s unpublished response *Rückerinnerungen, Antworten, Fragen* (Recollections, answers, questions) and to the fragment of a letter to Jacobi and Reinhold. In this fragment, Fichte emphasizes the opposition between his philosophy and Jacobi’s philosophy, which corresponds to the opposition between the point of view of life and that of speculation. Although they are opposites, they can coexist with equal right as long as one does not try to legislate over the other.

Palavras-Chave: Fichte; Jacobi; Niilismo; Querela sobre o ateísmo.

Keywords: Fichte; Jacobi; Nihilism; Quarrel over atheism.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v28i2p.89-96>

Esta apresentação¹ será consagrada ao exame de um pequeno episódio no formidável combate travado por estes dois gigantes da filosofia que são Jacobi e Fichte. Irei me deter na primeira reação de Fichte à famosa *Carta* que Jacobi lhe envia em março de 1799, à margem daquela que foi chamada “querela do ateísmo”.² Essa primeira reação se apresenta sob a forma de um breve texto intitulado *Fragmento*, que Fichte envia em dois exemplares, em 22 de abril de 1799, nos anexos a uma

1 Este artigo aprofunda uma questão tratada na Apresentação de minha edição da Carta a Fichte (Jacobi, 2009). Para a gênese das relações entre Jacobi e Fichte e a posição sistemática de Jacobi na Carta a Fichte, permito-me remeter o leitor a essa “Apresentação” (Jacobi, 2009, p. 7-38).

2 Cf. Fichte, GA III,3, p. 325-330; 334-337. O texto do *Fragmento* está reproduzido nas páginas 330-333.

carta a Reinhold e a uma carta a Jacobi.³

Se este texto é chamado *Fragmento*, nele não se faz, da parte de Fichte, nenhuma concessão ao estilo “gafanhoto” (*im Heuschrecken-Gange*) (Jacobi, JWA, 2,1, p. 199) e à técnica “rapsódica” e descosida que Jacobi tomou de empréstimo a seu amigo Hamann, o “Mago do Norte”; tampouco tem a ver com a forma preconizada por um Novalis ou um Schlegel. O texto é denominado *Fragmento* apenas e simplesmente porque é extrato de uma obra mais ampla, publicado na *Gesamtausgabe* de Fichte com o título *Rückerinnerungen, Antworten, Fragen* (Fichte, GA II, 5, p. 103.),⁴ obra que Fichte, além disso, jamais terminou, mas que havia concebido e iniciado antes mesmo de receber a *Carta* de Jacobi.

Esse breve texto, no entanto, exprime tão bem aquilo que ele pensa dever responder a Jacobi, que ele deseja expressamente a sua publicação. Um mês mais tarde, em 22 de maio de 1799, ele escreve a Reinhold:

Saudações cordiais a Jacobi. Ele não me escreveu dizendo se tenciona publicar a *Carta* que me endereçou. Não convém que a iniciativa seja minha, já que essa carta é muito vantajosa para mim sob diversos aspectos. Mas se ele tem intenção de publicá-la, dou-lhe sem reservas meu assentimento, sobretudo se certas passagens acerbadas forem suprimidas, em particular aquelas em que qualifica minha filosofia de ateia [...] e se meu *Fragmento* [...] for publicado junto (Fichte, GA III, 3, p. 362).

O “Fragmento” apresenta, portanto, a posição oficial que Fichte desejava ver junto à versão impressa da *Carta* de Jacobi, veiculando de alguma maneira seu direito de resposta. Ora, é no mínimo paradoxal que, diante da acusação inédita e inaudita de niilismo, para a qual Jacobi teve, inclusive, de forjar um neologismo, Fichte tenha acreditado poder se contentar respondendo com um texto escrito em outro contexto e contra outros alvos. Isso é suficientemente curioso para merecer reter nossa atenção? Teria Fichte subestimado inicialmente o potencial destruidor do ataque jacobiano? Ou teria avaliado que o discurso jacobiano, malgrado toda a sua radicalidade e sua aparente novidade, apenas retoma as críticas que ele tem de enfrentar vindas de todas as partes? A resposta formulada no *Fragmento* toca verdadeiramente o coração da argumentação jacobiana?

No *Fragmento*, Fichte começa voltando à essência da filosofia transcendental e relembrando a distinção entre ponto de vista transcendental e ponto de vista comum, distinção sobre a qual ele havia insistido bastante, particularmente nos textos relativos à *Nova exposição da doutrina da ciência*, publicados no *Philosophisches*

3 Essa carta, redigida entre os dias 3 e 21 de março de 1799, foi publicada, numa forma remanejada, no final de 1799 com o título *Jacobi a Fichte*, em Hamburgo pelo editor Perthes (Jacobi, JWA 2,1, p. 187-258).

4 Sobre a gênese do texto, cf. “Vorwort” dos editores da *Gesamtausgabe*, p. 99-101. O texto do *Fragmento* é uma versão ligeiramente modificada do texto reproduzido nessa edição, p. 110-119.

Journal em 1797 e 1798⁵. O ponto de vista comum é o ponto de vista da consciência engajada na vida, da consciência que percebe, pensa, produz saberes, mas uma consciência que não reflete sobre ela mesma e que não se observa percebendo, pensando e produzindo saberes. O ponto de vista transcendental, próprio à doutrina da ciência, é, por oposição, o ponto de vista que, escapando de seu visco à vida, volta seu olhar para si mesmo e se interroga sobre seu modo de percepção, de pensamento e de produção do saber. A filosofia transcendental se move, pois, num plano metacientífico, propriamente epistemológico. Enquanto ciência, ela tem em comum com as outras ciências o fato de, num certo sentido, ampliar nosso conhecimento. Mas, enquanto metaciência, ela difere das outras ciências, pois seu alargamento não é de ordem epistêmica, mas epistemológica, e consiste numa modificação do olhar que dirigimos a elas. Deste modo, o programa transcendental é conduzido por um potente sopro antimetafísico, se por metafísica se entende um projeto de extensão dos conhecimentos de ordem epistêmica, como seria o caso em particular de Wolff e Baumgarten (Jacobi, 2009, p. 117; Fichte, GA III, 3, p. 331). O grande progresso iniciado por Kant e levado a cabo pela doutrina da ciência consistiria precisamente na clarificação dessa distinção de ordem metódica, o abandono do sonho metafísico e o acantonamento da filosofia num plano estritamente metacientífico.

Se Fichte sente necessidade de recordar essa distinção, é porque a confusão dos dois planos não ocorre unicamente nas filosofias pré-kantianas, “que oscilavam entre os dois” (Jacobi, 2009, p. 117; Fichte, GA III, 3, p. 331). É a mesma confusão cometida por seus adversários do momento. Como fica muito claro em uma carta de 22 de março ao conselheiro Voigt, em referência justamente ao escrito do qual o *Fragmento* é extraído. A maior crítica que Fichte formula a seus adversários, no contexto da querela do ateísmo, é terem cometido precisamente tal confusão. “Não se tem a menor ideia da tendência de meu sistema”, escreve ele nessa carta. “Se ao menos alguns anos suplementares tivessem podido passar, nas vagas do tempo!, então se veria, como mostro no escrito em que precisamente estou trabalhando, que a censura que me fazem equivale a censurar um pintor dizendo não somente que os cavalos em pintura não andam como verdadeiros cavalos, mas que não voam como

5 Cf. *Versuch einer neuen Darstellung der Wissenschaftslehre* e *Zweite Einleitung in die Wissenschaftslehre*. *Philosophisches Journal*, 1797, 5, cad. 1, 1-49, cad. 4, 319-378 e 6, cad. 1, 1-43 (Fichte, GA I, 3, 183-269; *Primeira e segunda introduções à doutrina da ciência*. In: Fichte, J.G. (1972). *Œuvres choisies de philosophie première*. Tradução de Alexis Philonenko. Paris: Vrin, 239-311. Na carta a Reinhold de 22 de abril que acompanha o envio do *Fragmento*, Fichte faz a lista das passagens em que já teria apresentado essa distinção: “Na minha *Doutrina da ciência* [Fichte, GA I, 2, pp. 249 e segs.], nas *Introduções à doutrina da ciência*, publicadas no *Jornal filosófico*, na ‘Introdução’ ao meu *Direito natural* [Fichte, GA I, 3, pp. 313-328], no ‘Primeiro capítulo’ de minha *Ética* [Fichte, GA I, 5, pp. 33-71] - onde é que eu não o teria feito? -, indico com toda a clareza de que sou capaz a relação entre o ponto de vista filosófico e o ponto de vista comum. Apenas me esqueci de ir diretamente ao preconceito, solidamente arraigado por todas as filosofias que tiveram curso até o presente, que consiste em querer fazer da filosofia uma sabedoria para a vida” (Jacobi, 2009, p. 195 e Fichte, GA III, 3, p. 325).

um Pégaso - censura de cego que não conhece a obra dele a não ser por tateio” (Fichte, GA III, 3, p. 283). A analogia entre o pintor e o filósofo diz respeito à vida. Pintura e filosofia são artes, e a arte não pode substituir a vida. Tão aberrante quanto esperar do filósofo que a explicação do ponto de vista da consciência ordinária, que ele tenta produzir ao longo de seu empreendimento especulativo, alargue o domínio da vida, é esperar do pintor que os cavalos que esboçou se ponham realmente a andar.

A parte central do “Fragmento” consiste precisamente em denunciar tal confusão. Fichte utiliza outra imagem, a do corpo, que vale analogicamente para a consciência sobre a qual se refere seu exame:

Nós compomos, sob os olhos dos espectadores, o modelo de um corpo a partir do modelo de suas partes isoladas. Vocês nos chegam quando estamos no meio do trabalho e dizem: Vejam o esqueleto nu! E isso deveria ser um corpo? Não, brava gente, ele não deve ser um corpo, mas um simples esqueleto! Nosso ensino só se torna inteligível pouco a pouco, à medida que juntamos uma peça à outra, e é unicamente nesse propósito que empreendemos o trabalho. Esperem um pouco e revestiremos o esqueleto de veias, músculos e pele! Agora acabamos, e vocês exclamam: Muito bem! Faça com que o corpo se mova, que fale, que o sangue circule em suas veias, numa palavra, faça-o viver! Vocês estão errados, mais uma vez. Nós jamais tivemos pretensão de sermos capazes disso. Só a *natureza* dá a vida, não a *arte*, como sabemos muito bem, e acreditamos que é precisamente por sabê-lo que decorre nossa vantagem sobre certas outras filosofias (Jacobi, 2009, p. 118; Fichte, GA III, 3, p. 331-332).

A questão que podemos nos pôr é de saber se Fichte está visando aqui alguém em particular, ou se se trata de uma censura genérica a todos aqueles que haviam se manifestado publicamente contra ele. É notório que um panfleto de Eberhard (1799) tenha incitado Fichte a fornecer uma resposta pública redigindo este texto, que por fim permaneceu inédito. Mas é igualmente às objeções de Lavater que Fichte pensa responder com este texto. Numa carta de 7 de março, Fichte escreve a Lavater que, com sua réplica a Eberhard, “ele espera já ter dado a resposta à maior parte de [suas] objeções” (Fichte, GA III, 3, p. 208). Dez dias mais tarde, numa carta ao professor de teologia Johann Ernst Christian Schmidt, de Giessen⁶, duas outras pessoas se veem associadas, como alvos prioritários, ao lado do “pobre Eberhard”: August Wilhelm Rehberg, o *Hamburger Appellant* (o apelador de Hamburgo), como o designa Fichte⁷, assim como o *Chursächsischer Pasquillant* (o pasquineiro do principado saxão), identificado pelos editores da *Gesamtausgabe* como o editor Johann Gottfried Dyk,

6 Carta de 17 de março de 1799 (Fichte, GA III, 3, pp. 214-215).

7 Rehberg havia retrucado ao *Apelo ao público* de Fichte com um outro apelo, publicado anonimamente: *Appellation an den gesunden Menschenverstand, in einigen Aphorismen über des Herrn Professor Fichte Appellation an das Publicum, wegen ihm beygemessener atheistischen Aeusserungen* (*Apelo ao bom senso humano, em alguns aforismos sobre o apelo ao público do senhor professor Fichte em virtude das manifestações de ateísmo a ele atribuídas*).

de Leipzig⁸. Como se vê, a evocação da distinção entre ponto de vista comum e ponto de vista transcendental se reveste, portanto, de um caráter genérico e visa um consórcio heteróclito de detratores da doutrina da ciência, no meio do qual Jacobi não parece ter uma posição de destaque.

Não se deve, todavia, perder de vista que a questão da distinção entre ponto de vista comum e ponto de vista transcendental, ou da linha divisória entre especulação e vida, já havia desempenhado um papel importante bem antes na correspondência trocada entre Jacobi e Fichte. Desde 1794, a possibilidade de um acordo entre o realismo de Jacobi e o idealismo transcendental de Fichte já havia sido expressamente tematizada: “Se há um pensador na Alemanha com o qual desejo e espero entrar em acordo (übereinstimmen) em minhas convicções particulares”, escreve Fichte a Jacobi em setembro de 1794, “é o senhor!”⁹. Voltando à carta um ano mais tarde, em agosto de 1795, ele se declara persuadido, depois de uma leitura assídua do conjunto da obra jacobiana, da existência de uma “similaridade impressionante” (*auffallende Gleichförmigkeit*) entre suas convicções, que se atestariam em particular no *Allwill*, e Fichte imediatamente propõe concluir uma “aliança” (*Bündniß*) entre eles, possível, segundo ele, pelo acantonamento de suas posições respectivas no seu domínio de aplicação legítima (Fichte, GA III, 2, pp. 391-392). O realismo teria sua validade na vida prática, o idealismo transcendental na especulação. Uma coabitação pacífica seria factível, sob a condição de que essa chave de repartição das suas prerrogativas, de modo que cada um se abstenha de invadir o domínio do outro. Em suma, a linha argumentativa desenvolvida em 1799 no *Fragmento* nada mais é, portanto, que a retomada daquela utilizada alguns anos antes especificamente com relação a Jacobi e, nessa perspectiva, os diversos ataques sofridos por Fichte no contexto da “querela do ateísmo” constituiriam violações, da parte dos defensores do realismo, do pacto de cordialidade antes proposto a Jacobi.

Ora, se foi por ocasião dessa tentativa de aproximação com Jacobi que Fichte desenvolveu sua estratégia de arbitragem dos conflitos entre pontos de vista diferentes, podemos nos perguntar se, por trás dos adversários com os quais ele tem de se haver no *Fragmento*, não seria fundamentalmente a posição de Jacobi que é visada, antes mesmo que este entrasse em combate com sua famosa *Carta*. Os editores da *Gesamtausgabe* não se aventuram a comentar a passagem supracitada, na qual Fichte se queixa de que lhe teriam “caído em cima” quando ele mal tinha começado a erguer seu edifício filosófico. “Vejam o esqueleto!”, teriam exclamado, “E isso deveria ser um corpo!”. E esse corpo deveria, ainda por cima, se mover, falar, o sangue deveria circular em suas veias, em suma, ele deveria viver! Minha hipótese

⁸ Dyk é o autor de *Ueber des Herrn Professor Fichte Appellation an das Publicum. Eine Anmerkung aus der deutschen Uebersetzung des ersten Bandes von Saint=Lamberts Tugendkunst besonders abgedruckt*, Leipzig, 1799.

⁹ Carta de 29 de setembro de 1794 (Fichte, GA III, 2, p. 202).

é: o adversário evocado desse jeito não é nem o “pobre Eberhard”, nem Rehberg, nem Dyk e menos ainda Lavater, mas nenhum outro senão Jacobi em pessoa. Encontramos, como efeito, em Jacobi, mais precisamente no *Allwill*, que havia particularmente retido a atenção de Fichte, uma passagem que o extrato do *Fragmento* parece ecoar diretamente. Lemos, com efeito, na *Carta a Erhard O*, anexada na edição de 1792 à *Correspondência de Allwill* a seguinte passagem:

Uma armação de ossos é o fundamento da figura humana, de sua beleza, de seu aspecto real. Mas se ela está sozinha, sem conteúdo nem vestimenta, então significa a morte, que, menos ainda que a noite, não é amiga de ninguém. Além disso, um esqueleto horrível o que há de primeiro. Alguma coisa se moveu, se remexeu. Alguma coisa viva num ser vivo. O início foi um desejo que agiu violentamente sem se compreender - um dom da profecia (Jacobi, JWA 6, 1, p. 234).

Minha hipótese é a de que Fichte, no momento de sua releitura do *Allwill* em 1795, compreendeu a *Carta a Erhard O*, que ele não conhecia, como um acréscimo dirigido contra ele. Ora, há algo picante em constatar que, em sua *Carta a Fichte*, Jacobi convida justamente Fichte a reler a *Carta a Erhard O*, que conteria “o segredo da identidade e da diferença entre Fichte e [ele], de [sua] simpatia e de [sua] antipatia filosóficas” (Jacobi, JWA 2,1, p. 200) para todo aquele que quiser fazer o esforço de lê-la corretamente e compreendê-la completamente. Se de fato o *Fragmento* foi redigido, como pretende Fichte, antes de ter recebido a *Carta* de Jacobi, ele conteria, por uma antecipação extraordinária, a reação de Fichte à passagem precisamente indicada por Jacobi como contendo a chave da simpatia e da antipatia recíproca dos dois.

Conclusão

Com fingida desenvoltura, alegando não ter tempo de formular uma resposta *ad hoc* e, quase se escusando de recorrer a suas reservas, na realidade Fichte opera, de um ponto de vista sistemático, um verdadeiro golpe de mestre com seu *Fragmento*. Ele sabe disso, e esta é a razão pela qual ele envia o texto tanto a Jacobi quanto a Reinhold, desejando que seja publicado. O *Fragmento* constitui, com efeito, uma resposta direta à passagem de *Allwill*, que, na opinião do próprio Jacobi, revelaria o segredo da simpatia e antipatia recíproca entre eles, e que este último o convidava expressamente a reler.

O *Fragmento* é uma resposta e um ataque. Retomando a distinção entre ponto de vista comum e ponto de vista transcendental, Fichte reafirma sua adesão ao criticismo. Acusado de emprestar um poder absolutamente criador ao eu, de ser, assim, um coveiro de realidade e de esvaziar o mundo de seu encanto, ele responde que a filosofia não detém a virtude de acrescentar ou de retirar o que quer que seja

da vida; ela se move em outro plano, plano da ordem da explicação ou, para retomar uma expressão de Alexis Philonenko, de justificação da *doxa*.

Sua defesa é igualmente um ataque. Insistindo sobre a linha de demarcação entre especulação e vida, Fichte acusa seus oponentes de não a respeitar, de confundir os dois domínios e de recair, assim, numa posição pré-crítica. Em sua *Carta a Fichte*, Jacobi se lançava num requisitório contra o conjunto do empreendimento filosófico ocidental, acusado de ser tendencialmente orientado ao niilismo, cujo intuito é se desviar da vida sob pretexto de buscar seu fundamento. Na linguagem aqui adotada por Fichte: a filosofia se via desaprovada por sua dimensão especulativa. Ora, a formulação mesma dessa desaprovação implicava uma posição especulativa, simplesmente não tematizada, pois não é a vida ela mesma que pode se tomar por tema. Pode-se, por certo, viver sem conhecer a vida, mas não se pode conhecer a vida sem especular. A desaprovação de Jacobi implica um verdadeiro conhecimento da vida, por oposição ao conhecimento falso que seria do feitio dos filósofos. Consequentemente, Jacobi se agarra à especulação e adota ele mesmo, à própria revelia, um ponto de vista especulativo.

Referências

- Dyk, J. G. (1799). *Ueber des Herrn Professor Fichte Appellation an das Publicum. Eine Anmerkung aus der deutschen Uebersetzung des ersten Bandes von Saint-Lamberts Tugendkunst besonders abgedruckt*. Leipzig.
- Eberhard, J. A. (1799). *Ueber den Gott des Herrn Professor Fichte und den Götzen seiner Gegner. Eine ruhige Prüfung seiner Appellation an das Publikum in einigen Briefen*. Halle: Hemmerde und Schwetschke.
- Fichte, J. G. (1965). *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, ed. Reinhard Lauth *et alii* [= GA], vol. I, 2. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Fichte, J. G. (1972). *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, ed. Reinhard Lauth *et alii* [= GA], vol. I, 3. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Fichte, J. G. (1977). *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, ed. Reinhard Lauth *et alii* [= GA], vol. I, 5. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Fichte, J. G. (1979). *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, ed. Reinhard Lauth *et alii* [= GA], vol. II, 5. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Fichte, J. G. (1970). *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, ed. Reinhard Lauth *et alii* [= GA], vol. III, 2. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.
- Fichte, J. G. (1972). *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, ed. Reinhard Lauth *et alii* [= GA], vol. III, 3. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.

Jacobi, F. H. (2004). [JWA] *Werke*. Vol. 2,1: *Schriften zum Transzendentalen Idealismus*; hrsg. von Walter Jaeschke, Irmgard-Maria Piske, unter Mitarbeit von Catia Goretzki.

Jacobi, F. H. (2006). [JWA] *Werke*. Vol. 6,1: *Romane I: Eduard Alwill*; hrsg. von Walter Jaeschke, Irmgard-Maria Piske.

Jacobi, F. H. (2009). *Lettre sur le nihilisme*. Paris : Flammarion.

Rehberg, A. W. (1799). *Appellation an den gesunden Menschenverstand, in einigen Aphorismen über des Herrn Professor Fichte Appellation an das Publicum, wegen ihm beygemessener atheistischen Aeusserungen*.

Recebido em: 27.01.2023

Aceito em: 12.04.2023

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

